

CALAMIDADE NO RS

São Leopoldo

Vítima conta que passou pelas cheias de 1941 e 1965

Amanda Krohn

redacaovs@gruposinos.com.br

O Rio Grande do Sul vive, desde o início deste mês, a pior cheia desde as inundações de 1941 e 1965, quando ainda não havia o sistema de contenção contra cheias, construído nos anos 1970. Quem tem certeza disso é o barbeiro Alcino Almirante Gonçalves, conhecido pelos amigos apenas como Almirante. Aos 84 anos, ele se surpreendeu vendo sua casa ser atingida por uma enchente pela primeira vez.

“Nasci apenas um ano antes da enchente de 1941”, conta o morador do bairro São Miguel, que presenciou todas as inundações históricas que aconteceram na cidade desde então. “Mas essa aqui foi muito pior, nem naqueles anos chegou água na minha casa. Dessa vez eu perdi tudo, estou abrigado na casa do meu filho, na Santa Teresa”, afirma Almirante, que visita rotineiramente o local onde mora, temendo ser roubado e perder o pouco que restou.

Acampados na pista

Ao contrário de Almirante, seus vizinhos não foram para a casa de conhecidos. Em vez disso, a solução encontrada pela comunidade para proteger seus lares foi um acampamento montado no acesso ao viaduto da Avenida Dom João Becker.

As margens da pista movimentada, a comunidade montou suas barracas e passa os dias e as noites ali, utilizando apenas as tendas pa-



Seu Almirante mora no mesmo bairro desde que nasceu



Comunidade acampa às margens da pista movimentada



Da BR-116 é possível avistar o acampamento do São Miguel

ra se abrigarem do frio e da chuva.

Uma dessas pessoas é Soelci Pereira de Souza, de 60 anos, que também perdeu tudo. “Eu era costureira, agora não sei mais. Saí ligeiro, só com a minha cadelinha”, relata, acrescentando que preferiu não ir para um abrigo. “Eu sou muito doente, vou onde me dão apoio e meu irmão fez a barraca”, explica.

De acordo com Soelci, sua maior dificuldade é a recuperação de seus pertences. “O que estou precisando é de colchão e de um fogão, mas não sei onde conseguir.”



Leia mais sobre a enchente em abcm.com.br/tempestade



Prefeitura diz ter tentado ajudar

A Secretaria de Assistência Social (SAS), mediante a Superintendência de Comunicação (Scom), afirma que esteve no local e ofereceu abrigo para as famílias nos primeiros dias dos eventos climáticos. “As famílias se recusaram a sair. A SAS reafirma que os abrigos estão abertos a toda e qualquer pessoa ou família que deseja acessar o serviço de acolhimento oferecido pelo município, mas a prefeitura não pode intervir no direito das pessoas optarem em permanecer no local, diante do estado de calamidade pública”, argumenta o órgão.

O município contava com 125 abrigos até esta terça-feira (21). De acordo com a SAS, o número de pessoas acolhidas nestes locais era superior a 14 mil. Além disso, mais de 100 mil pessoas seguiam desalojadas nos seguintes bairros e comunidades: Vicentina, Paim, São Miguel, Campina, Scharlau, Jardim Fênix, Rio dos Sinos, Santos Dumont, Vila Brás, Vila Brasília, Jardim Viaduto, Vila Glória, Pinheiro, Independência, São Geraldo e Madezzatti.



Ponte da Mauá liberada, mas em certo ponto, em meia pista

Ponte da Mauá é liberada após duas semanas de interdição pela cheia

Foi liberado, no fim da tarde desta terça-feira (21), após mais de duas semanas de interdição, o trânsito sobre a Ponte Ingá, conhecida como ponte nova ou ponte da Mauá, junto aos trilhos da Trensurb, em São Leopoldo. Mas a liberação é com restrição.

O tráfego está liberado nos dois sentidos, mas ele fica em meia pista do lado norte.

Para quem trafega no sentido São Leopoldo- Novo Hamburgo o trânsito é pela contramão logo após a passagem pela ponte, já que a Avenida Mauá segue alagada do lado do bairro Santos Dumont. No sentido Novo Hamburgo-São Leopoldo, o tráfego é normal, mas há estreitamento de pista, exatamente para dar espaço a quem trafega no sentido contrário.

O acesso pela Avenida Mauá, no Centro leopoldense, está totalmente seco,

possibilitando o trânsito normalmente nas pistas.

Agentes da Guarda Civil Municipal (GCM) sinalizaram o trecho com cones. Mas é preciso cuidado, especialmente à noite, pois não há iluminação no local entre as pontes e o limite com Novo Hamburgo porque os bairros leopoldenses seguem alagados e com corte de energia elétrica por segurança. A GCM também orienta que os motoristas mantenham-se alertas quanto a velocidade.

Outras pontes liberadas

Desde domingo (19), a ponte sobre o Rio dos Sinos, na BR-116, também está totalmente liberada. Da mesma forma, nesta segunda-feira (20), a Ponte 25 de Julho, ao lado da rodoviária leopoldense, está liberada nos dois sentidos. A Ponte Henrique Roessler, ao lado do Ginásio Municipal, permanece interrompida, devido aos alagamentos.

Equipe trabalha na instalação de bomba anfíbia na Vila Brás

O Serviço Municipal de Água e Esgotos (Sema) trabalhava, na noite desta terça-feira (21), na instalação de bomba móvel, na Vila Brás, no bairro Santos Dumont. Ao total, devem ser instaladas seis bombas em três bairros, em vazão total de quase 20 metros cúbicos ou 20 mil litros de água por segundo. Os equipamentos fazem a drenagem das regiões alagadas.

A força-tarefa de drenagem com os equipamentos produzidos pela empresa leopoldense Hígra iniciou dia 17, com a instalação de uma bomba no bairro Campina, bairro que já conta com dois equipamentos do tipo em funcionamento. Também foi instalada e ligada na segunda-feira (20) à noite uma bomba no bairro Vicentina, próximo da casa de bombas do Arroio João Corrêa. A segunda bomba no bairro já foi instalada e poderá iniciar a operação nesta quarta-feira.

A capacidade de sucção das bombas é de 3.300 litros por segundo. O motor elétrico de 300cv, do tipo submerso, é acionado por gerador. Assim como a Campina e a Vicentina, a Brás terá duas bombas.

“É triste. A gente perdeu tudo”, diz moradora do bairro Rio dos Sinos

Com as águas baixando, moradores começam a voltar aos lares para ver se é possível salvar algo, contabilizar danos e ver quando será possível iniciar a limpeza. A dona Odete Teresinha da Silva Brando, 66 anos, mora com o marido há quase 20 anos na Avenida Caxias do Sul, no bairro Rio dos Sinos, onde também fica a borracharia da família. Segundo ela, a casa foi aterrada e construída acima da altura da cheia de 1965. “É triste. A gente leva tanto tempo para adquirir as coisas e a água leva tudo.” Há mais de duas semanas abrigada na casa da filha em Lomba Grande - onde seis famílias estão - lembra que quando a água começou a subir não pensava que seria assim. “A gente perdeu tudo. As roupas que estou usando são todas doadas. Até pensava que não ia subir tanto. Mas quando a gente ouviu sirenes na sexta (dia 3) a gente saiu rápido.”



Dona Odete voltou ao local onde mora há quase 20 anos